

ESPAÇO

JORNALISTA MARTINS DE VASCONCELOS



Organização: Cláuder Arcanjo

clauderarcujo@gmail.com

O inconformista e solitário Franz Kafka (Parte III)

VERA LÚCIA DE OLIVEIRA

Escritora, membro da Academia de Letras do Brasil. (Brasília-DF)
veraluciaoliveira@hotmail.com



Escrever é uma forma de rezar.
(Kafka)

Diz Max Brod que escreveu esse livro sobre o amigo para retificar a imagem que os livros e, principalmente, Os diários dele deixaram. Ele era muito diferente no trato cotidiano. Era muito modesto e agradável. Segundo um antigo colega de trabalho, era muito amado e não tinha inimigos; devotado exemplarmente ao trabalho; a fraqueza era um dos traços marcantes do seu caráter, bem como a consciência moral, com escrúpulos, e não aceitava o mínimo traço de injustiça. Tratava a todos com respeito, assim como todas as ocupações, sem distinção. Setinha respeito por alguma hierarquia era pela dos grandes espíritos. Respeito profundo. Diz Brod que a sua obra deveria ser colocada na categoria da santidade e não da literatura, assim como a sua vida, pois buscou o limite do humano. Era muito consciencioso e crítico de si mesmo, esse um dos motivos que o impediram de publicar suas obras. De tudo o que via, buscava o essencial, a verdade. Diz também que dele emanava o sentimento de uma força incomum que ele, Max, jamais experimentara na presença de outros homens, mesmo personalidades de grande valor. Um espírito infinitamente rico que jamais se abandonava à indolência ou à convenção. Era incomparável no seu senso de justiça, amor à verdade, lealdade singela, sem a menor pose. Emocionava-se até às lágrimas com cenas de folhetins, ele que nunca chorava. Não tinha preconceito com pessoas nem com obras de arte. E ignorava a crítica literária. Suas palavras

eram simples, admiráveis. Assim como descobria particularidades dignas de atenção nas pessoas chamadas comumente de insignificantes, encontrava detalhes ridículos mesmo nos grandes homens de sua admiração – não para destruí-los, mas para mostrar o seu lado humano. Exigia muito da vida, tão somente a perfeição. A perfeição ou nada, afirmou Brod.

O amor que tinha por Goethe e Flaubert (cuja literatura apresentou a Brod), continua o biógrafo, nunca mudou nos seus vinte e dois anos de amizade. Seu livro preferido era *A educação sentimental* (1869), de Flaubert. Só quem não o compreende e o considera estranho é atraído por sua bizarrice. Na verdade, ele é preciso, observador de objetos e detalhes mostrando-lhes aspectos cuja existência não se suspeitava. São aspectos morais ou de vida, ou de viagem, de uma obra de arte que não são bizarros, mas precisos, exatos, destacando-os da banalidade. (p. 80). Diz ainda que não se compara a precisão de Kafka com a falsa exatidão e generalização de Balzac, a quem Kafka muito admirava. As fraquezas de Kafka resultam de suas qualidades, diz o amigo.

Além da grande admiração por Flaubert, de quem se considerava “parente de sangue”, percebemos algumas semelhanças importantes entre os dois escritores: eram solteiros e tinham medo do casamento. Dedicavam a vida à arte da escrita perfeita, obcecados pela frase lapidada. Amavam a solidão e o silêncio, mas tinham amigos fiéis e calorosos. Tinham pais autoritários e mães bondosas. Deixaram centenas de cartas trocadas com as amantes. Ambos eruditos, estudiosos. Kafka queria ir à Palestina; Flau-



[Na foto: Franz Kafka (à direita) com, da direita para esquerda, sua secretária Julie Kaiser, sua irmã Ottla, sua prima Irma e a empregada Marenka; perto de Zúrau, Bohemia, em 1917]

bert visitou por meses o Oriente Médio. Não corresponderam às expectativas dos pais quanto à carreira. (Flaubert abandonou o curso de Direito).

Max Brod vê, no entanto, semelhança entre Kafka e Proust, especialmente na situação familiar. Os pais saíam cedo de manhã e quase não viam os filhos. As mães, bondosas, cuidadosas com os filhos, perdoavam suas fantasias e indolência. O poder que o círculo familiar exercia sobre eles era enorme; a mesma origem judaica. Vê ainda Brod a extrema precisão de suas descrições, o amor do detalhe, a fidelidade à verdade.

Max Brod lembra-nos de que Platão resgatou o pensamento do mestre Sócrates escrevendo os seus diálogos. Assim vemos fazer esse amigo dedicado de Kafka, editando e publicando lhe a obra – autorizada pelos pais logo após o seu sepultamento. (Obra que o pai desprezava e ignorava).

Diferentemente de Mozart, que se defendeu do pai, Kafka se calou. Para Brod, mais que o complexo paterno, foram os entraves profissionais o germe da evolução que o conduziu ao sofrimento e depois à doença e à morte. (p. 143). Um homem jovem devotado inteiramente à criatividade de sua arte, porém obrigado a dedicar seu tempo a funções que nada tinham que ver com suas aspirações mais profundas. (p. 144). De tanto detestar o trabalho na fábrica da família, pensou em se jogar pela janela do seu quarto. Foi com preocupação que Max Brod escreveu à mãe de Kafka, alertando-a do perigo de suicídio do filho. Apavorada, tomou medidas para substituí-lo na fábrica. (p. 148).

É de conhecimento dos leitores de Kafka, o seu difícil relacionamento com o pai, Hermann Kafka, homem imponente física e moralmente, que fez sombra a vida inteira para o filho. Como primogênito, talvez Kafka tenha carregado nos ombros o peso de corresponder às expectativas daquele homem exigente, severo e tirano, de ser o seu continuador nos negócios. Ainda mais por ter perdido os dois irmãos ainda bebês, tomando-se filho único por seis anos, quando chegaram as três irmãs:

Gabriele (Elli), Valerie (Valli) e Ottilie (Ottla). Teve infância indescritivelmente solitária.

Em 1919, escreveu a famosa *Carta ao pai* (título dado e citado pela primeira vez em 1937 por Max Brod em sua biografia) de mais de cem páginas, que o pai não leu, pois Kafka não lhe entregou (mas a mãe Julie a leu); temos nela um acerto de contas nos mínimos detalhes, um julgamento sem precedentes na história da literatura. Nessa carta, resposta à pergunta do pai “Por que você tem medo de mim?”, Kafka vai expor o relacionamento conturbado, marcado fortemente pelo complexo de Édipo. É uma crítica implacável ao pai tirano que o punia, castigava, humilhava e o envergonhava perante seus amigos, pois não os suportava. No entanto, esse pai era muito amado. Amado e odiado de modo ambivalente. O sentimento de culpa acompanhou-o por toda a vida; sentimento inconsciente, complexo, que Freud associa ao *masoquismo moral*, quando o sujeito tem “necessidade de punição às mãos de um poder paterno”. (FREUD, Sigmund. *Obras Completas*. RJ: Imago, Vol XIX, p. 186). E Kafka sente-se culpado por não ter tido a infância pobre do pai – do que era acusado –, por não ter sido o filho ideal, por ser tido como ingrato. Guardou, parece, um traço infantil de adoração e rebeldia em relação ao pai. Detestava a sua tutela, queria sair de Praga e fugir de tudo que o lembrasse para viver de modo independente, desenvolvendo suas faculdades, dedicado a seus trabalhos literários, disse na *Carta*. Optou pela dissidência e não pela adesão, como observa a psicanálise sobre os filhos em relação aos pais. A força avassaladora do pai sobre Kafka o fez sentir-se pequeno, fraco, medroso, hesitante e desconfiado, um inseto – como se definiu. Essa força estará simbolicamente representada pelos juizes, pelos burocratas da Justiça e demais funcionários autoritários que perpassam a sua obra, a exemplo da terrível história do conto “O veredito”, em que o pai condena sumariamente o filho à morte. A arma de Kafka era a palavra. Como Davi com sua funda, atingiu o pai gigante Golias com sua

Carta em que se defende acusando-o.

Não estaria Kafka julgando e condenando o pai como fizeram com ele no constrangedor episódio do rompimento do noivado com Felice Bauer, no hotel em Berlim, e que inspiraria *O processo*? Quem analisa brilhantemente esse episódio e o relaciona ao romance é Elias Canetti no excelente *O outro processo – As Cartas de Kafka a Felice* (RJ: Espaço e Tempo, 1988).

Quanto às mulheres, Kafka teve muitos *affaires*, alguns dos quais Brod chamou de “impuros”, que deixaram marcas nos seus três grandes romances. Foi noivo duas vezes da elegante berlinense Felice Bauer e ainda de Julie Wohryzek, moça que, por sua origem humilde, muito desagradou a Hermann Kafka. Teve ainda relacionamento com a intelectual Milena Jesenská, sua tradutora para o tcheco, casada; mas só encontrou a verdadeira felicidade no amor de Dora Dymant, em 1923, um ano antes de sua morte. Até então não pretendia casar-se, pois não queria ser igual ao pai, repetir a vergonha de sua história, disse na *Carta*; e, como Brás Cubas, pensamos, não queria transmitir a nenhuma criatura o legado da “sua” miséria...

No entanto, nesse último ano de vida, ajovem Dora encheu sua vida de alegria, encantamento e entusiasmo. Trabalhou com ardor e paixão. Mas foi derrotado pelo terrível inverno de 1923. E pela inflação de Berlim que o deixou sem recursos. Muito debilitado, quase sem falar, já praticamente no leito de morte, num sanatório próximo a Viena (onde foi tratado sem nenhuma distinção), ainda pensava muito no pai, nos banhos públicos em que iam juntos. Parece que essa lembrança, que o acompanhou até o último momento, pode ressignificar a importância do pai, homem forte, cheio de energia, vendendo saúde, em oposição ao menino fraco, envergonhado de sua magreza e pernas finas.

Finalmente, foi transferido por Dora e pelo amigo Robert Klopstock para o sanatório claro e agradável de Klosterneuburg, em Kierling, também próximo a Viena. Em estado muito grave, pede ao doutor que lhe dê morfina, dizendo: “Mate-me senão você será um assassino”.

Morreu em 3 de junho de 1924, exatamente um mês antes de completar 41 anos, ao lado do amigo Klopstock, da irmã Elli e da amada Dora, por quem havia voltado a sentir amor pela vida. Sem sequer imaginar que se tornaria um dos maiores escritores de todos os tempos, ele que fora censurado pelos nazistas – e depois pelos stalinistas – e só pôde ser lido em seu país depois de 1963. Um estranho em sua própria terra. Assim também foi a sua literatura: extraída da estranheza das coisas e estrangeira em qualquer lugar.



[Os pais de Kafka, Hermann e Julie Kafka, em cerca de 1913]

De Fato.com

Um produto da Santos Editora de Jornais Ltda. Fundado em 28 de agosto de 2000, por César Santos e Carlos Santos.

Direção Geral: César Santos

Diretor de Redação: César Santos

Gerente Administrativa: Ângela Karina

Dep. de Assinaturas: Alvanir Carlos

www.defato.com **E-MAIL:** redacao@defato.com

TWITTER: @jornaldefato_rn

REDAÇÃO E OFICINAS: SEDE Avenida Rio Branco, 2203, Centro, Mossoró-RN – CEP: 59.063-160

TELEFONES: (084) 99836-5320 (Mossoró)

COMERCIAL/ASSINATURAS (84) 99956-4810 - (84) 99485-3685